

## DOCUMENTOS

## Relatório do Diretor da Divisão de Preparação da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde (março de 1945)

RUBENS BORBA DE MORAES

**Na prática a teoria é outra** diz o título de uma obra recente, de Joelmir Beting, destacando a diferença, por vezes enorme, entre os fatos e sua versão, ou entre o conhecimento simplesmente livresco e aquele “saber de experiências felto” a que se referia Camões. Pois de todas as atividades humanas podemos dizer o que esse grande poeta escreveu da “disciplina militar prestante”, isto é, que não se aprende apenas estudando, mas “vendo, tratando, pelejando”.

Essa distância entre a teoria que está nos livros e a prática das funções administrativas inexistente em certos relatórios, de importância didática muito maior do que a de pretensiosos manuais ou pomposos tratados. O **Annual Report of the Librarian of Congress**, por exemplo, é leitura interessantíssima para qualquer bibliotecário, apesar do caráter alpico daquela instituição, mesmo entre as bibliotecas nacionais de outros países.

Guardadas as distâncias, podemos dizer que os relatórios anuais dos diretores da nossa **Biblioteca Nacional** têm a mesma importância. Divulgados não com o luxuoso aparato gráfico do **Annual Report of the Librarian of Congress**, mas como epílogo de cada volume dos **Anais da Biblioteca Nacional**, eles se constituíram, ao longo dos anos, na melhor fonte para a história daquela repartição e para o estudo de seus problemas técnicos e administrativos: história e estudo de interesse para todos os bibliotecários brasileiros.

Infelizmente, a partir de 1944 os relatórios deixaram de ser publicados, talvez pela vergonha de revelar ao público os detalhes de uma decadência lamentável, bem como a desídia dos diretores e a omissão dos governos.

A atual diretora-geral — bibliotecária Jannice Monte-Mor — acaba de restaurar a tradição, publicando o relatório de seu primeiro ano de atividades. “A Biblioteca Nacional em 1971”, **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 91, 1971, Rio de Janeiro, Divisão de Publicações e Divulgação, 1972, p. 359-374. Depolimento impressionante, ele mostra que tínhamos razão ao lamentar, em 1966, que a Biblioteca Nacional fosse para os bibliotecários brasileiros menos um orgulho do que uma vergonha

nacional. Entretanto, por haver escrito isso em manifesto publicado sob o título de **Ser ou Não Ser Bibliotecário**, fomos formalmente denunciado ao Ministério da Educação e Cultura e ao Serviço Nacional de Informações pelo escritor que dirigia, na época, a Biblioteca Nacional.

O que Jannice Monte-Mor relata, de modo objetivo e impessoal, é verdadeiramente estarecedor: atraso de seis anos entre a aquisição do livro e sua entrega ao leitor; 500.000 volumes sem qualquer processamento técnico, vale dizer, desconhecidos dos interessados; material bibliográfico enviado por bibliotecas estrangeiras e retido no cais do porto do Rio de Janeiro desde 1962; acervo "em estado de verdadeira calamidade", com bichos vivos em plena ação bibliofágica; extintores de incêndio descarregados; etc. etc. etc.

Várias dessas calamidades, aliás, já eram conhecidas através do relatório e das conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito instituída pela Câmara dos Deputados no ano de 1966. Os resultados dessa CPI — na qual depuseram os escritores Adonias Aguiar Filho e Celso Ferreira da Cunha e a bibliotecária Lídia de Queirós Sambaqui — precisam de sair do **Diário do Congresso Nacional** em que estão, por assim dizer, sepultados (Suplemento ao nº 32, seção I, de 8 de abril de 1967) para uma publicação mais acessível.

O relatório que a **Revista de Biblioteconomia de Brasília** divulga neste número e para o qual nos solicitou uma apresentação é importante subsídio para a história da Biblioteca Nacional e, por extensão, da Biblioteconomia brasileira. Não o comentamos porque ele fala por si mesmo, nas suas críticas objetivas e corajosas. Indicamos, apenas, algumas informações que esclarecem a origem desse documento até agora inédito.

Em julho de 1943, o país inteiro tomou conhecimento, por um artigo de Gilberto Freyre para os *Diários Associados*, de que o Professor Rubens Borba de Moraes — um dos promotores da Semana de Arte Moderna, o autor de **O Domingo dos Séculos**, o secretário da revista **Klaxon**, o editor de importantes coleções históricas — havia sido afastado, por questões políticas, da direção da Biblioteca Municipal de São Paulo, por ele organizada na fase áurea do Departamento de Cultura, fundado e dirigido até aquele ano por Mário de Andrade.

Nesse artigo — reproduzido no opúsculo de Rubens Borba de Moraes sobre **O Problema das Bibliotecas Brasileiras** (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943, p. 9-14) — sugeria Gilberto Freyre que o governo federal aproveitasse o notável pioneiro paulista, antes que alguma instituição estrangeira lhe oferecesse um daqueles contratos que explicam a tão discutida "evasão de cérebros".

O tentador oferecimento concretizou-se, mas Rubens Borba de Moraes preferiu continuar no Brasil, atendendo convite do Ministério da Educação, "com o fito único e exclusivo de poder cooperar para a restauração da nossa Biblioteca Nacional", para citar suas próprias palavras no preâmbulo do relatório que esta revista decidiu publicar. Publicação oportuna, no momento em que a nova diretora da Biblioteca Nacional restabelece a tradição de divulgar os relatórios anuais: tradição interrompida justamente com o documento que se vai ler. Se é verdade que, ao elaborá-lo, Borba de Moraes ainda não havia sido nomeado diretor da Biblioteca Nacional, é evidente que a profundidade do diagnóstico e das soluções propostas contribuíram para a reforma estrutural que pôde realizar na direção-geral da Casa, de 21 de dezembro de 1945 a 15 de dezembro de 1947. — **Edson Nery da Fonseca**.

Quando deixei a administração da Biblioteca Municipal de São Paulo recebi logo em seguida um convite do Ministro Marcondes para reorganizar a Biblioteca do Ministério do Trabalho. Logo depois de

aceitar o convite e de ter o Ministério dado início ao processo de meu contrato, recebi de V. Ex<sup>a</sup> outro convite para vir ao Rio conversar sobre assuntos de minha especialidade. Aqui chegado, V. Ex<sup>a</sup> expôs-me o estado em que se encontrava a Nacional e a firme intenção de reformá-la. Depois de duas longas entrevistas em que concertamos um plano de trabalho, combinamos, com o assentimento do Sr. Ministro do Trabalho, que, provisoriamente, eu iria trabalhando no MTIC até que saísse a reforma projetada da Nacional e que eu fosse nomeado para essa última repartição.

Publicada a referida reforma, aceitei minha nomeação para Diretor da Divisão de Preparação. Devo notar que isso não representou para mim nenhuma vantagem pecuniária, uma vez que, no Ministério do Trabalho, tinha maiores vencimentos. Pouco antes recebera dos Estados Unidos um convite para dirigir a Columbus Memorial Library, em Washington, com vencimentos a que nunca poderia aspirar no Brasil e em condições de trabalho mais tentadoras.

Recusei o contrato de 5 anos nos Estados Unidos e rescindi o do Ministério do Trabalho com o fito único e exclusivo de poder cooperar para a restauração da nossa Biblioteca Nacional.

Narro aqui estas particularidades pessoais não para fazer valer meus serviços, mas com o intuito de mostrar que não estou na situação do funcionário que pediu emprego e precisa dele, mas de um técnico disposto a trabalhar e a realizar alguma coisa. E também para me sentir mais à vontade e poder dizer, com mais franqueza e lealdade à administração, o que julgo necessário dizer.

V. Ex<sup>a</sup>, que tão bem conhece nossos problemas culturais e, no caso particular da Nacional, tem demonstrado a vontade de resolver o problema, não estranhará, estou certo, esta minha lealdade e franqueza ao dizer as verdades e prestar as informações indispensáveis para uma ação segura e acertada.

Creio que não é outra coisa o que V. Ex<sup>a</sup> espera de mim, já que fui convidado a colaborar com sua administração e seria contrário ao meu dever profissional não dizer o que penso sobre a situação da Biblioteca.

A cultura de V. Ex<sup>a</sup> e o seu espírito moderno não estranharão, estou certo, o tom pouco burocrático deste relatório.

Para se compreender bem a situação da Biblioteca Nacional seria necessário começar narrando sua história secular. Dispensamo-nos de fazê-lo. V. Ex<sup>a</sup> conhece muito bem como ela se formou, sabe quando

teve o seu período de apogeu e como principiou a decair há cerca de vinte anos, e, em particular no último decênio.

Seria necessário também fazer um estudo sobre seu valor incalculável, impossível de se avaliar em algarismos, mas que representa dos mais ricos patrimônios dos brasileiros. V. Ex<sup>a</sup> conhece o acervo da Nacional muito bem e portanto dispense-me de descrevê-lo.

O que quero fazer neste breve relatório é dar minha opinião sincera sobre o estado em que a encontrei quando assumi a diretoria da Divisão de Preparação para a qual V. Ex<sup>a</sup> me nomeou com recomendação especial de reformá-la. Não o fiz logo em seguida à minha posse porque necessitei de alguns meses de estudo para formar uma opinião serena e real sobre todos os serviços.

Em primeiro lugar compete-me dizer sobre o estado de conservação em que encontrei as coleções.

Infelizmente não poderia ser pior. Não há exagero em afirmar-se que um livro em bom estado ou sem necessidade de limpeza é exceção na Biblioteca. Senão vejamos por partes:

A **Biblioteca Real** está praticamente perdida. Centenas de volumes foram tão atingidos pelo sol e pela chuva (houve e há goteiras no telhado do prédio) que estão transformados em "tijolos". Há prateleiras inteiras de livros onde os volumes se colaram de tal maneira uns aos outros que é impossível separá-los. Centenas de volumes encadernados em maravilhosas encadernações armoriadas do século XVIII, de marroquim vermelho, douradas **au petit fer**, estão totalmente perdidas. Apenas algumas, embora desbotadas pelo sol, poderão ser restauradas. Não há (pelo menos não o encontramos) um único volume em estado razoável de conservação.

Só uma pequena parte chegou a ser catalogada e que nunca foi limpa. Veio da rua do Passeio em 1910 para o prédio atual, foi amontoadada nos andares 5 e 6 do depósito de livros e aí está até hoje. Centenas de obras estão truncadas com páginas rasgadas. Há montes de livros e pedaços de livros pelo chão e pacotes de folhetos jogados nas prateleiras. Muitos caíram das estantes há anos e estão até agora à espera que alguém os coloque nos primitivos lugares. O pó acumulado nos livros é tal que não se consegue ler os títulos nas lombadas. O dourado das folhas está preto. Não há praticamente uma obra que não esteja bichada e 50 por cento se transformaram em verdadeiros rendados. Não exageramos, portanto, afirmando que a **Biblioteca Real**, trazida por D. João VI para o Brasil para salvá-la da invasão napoleônica, está praticamente perdida.

Não é muito melhor, infelizmente, o estado de outras coleções que compõem o acervo. A famosa biblioteca de José Carlos Rodrigues, composta de livros tão raros que seria impossível hoje em dia reconstituir uma brasileira igual, está em grande parte bichada. O pó entranhou-se de tal maneira em alguns exemplares raros, que não é possível fazê-los voltar ao estado em que estavam quando vieram para a Nacional. Muitas peças raríssimas, descritas como “exemplar perfeito” ou como “belo exemplar em magnífica encadernação da época”, no catálogo que o organizador da coleção mandou imprimir, são hoje pobres volumes bichados valendo metade do que valiam. Uma ou duas centenas das obras raras foram entretanto retiradas, há poucos anos, do depósito geral e colocadas em armários de aço. São essas as peças que estão em melhor estado. E, ainda assim, muitas delas, por falta de assistência permanente, se escaparam do pó e da sujeira, não escaparam do bicho.

A **Coleção Teresa Cristina** foi, **grosso modo**, (como as outras coleções, aliás), dividida em duas partes. A primeira, composta de “livros”, foi incorporada ao acervo geral, nos depósitos, a segunda, composta de “periódicos”, foi amontoada no armazém de jornais e aí se encontra há dez ou quinze anos. As que, por milagre, não bicharam acham-se praticamente perdidas com as lindas encadernações de marroquim verde com as armas imperiais.

A **biblioteca de Salvador de Mendonça**, generosamente doada à Nação, e composta de cerca de mil obras raras, geralmente muito bem encadernadas, não está em melhor estado do que o resto. Muitos dos folhetos holandeses, tão preciosos para o estudo do período nassoviano, estão ilegíveis.

A **biblioteca fluminense** nem sequer foi catalogada ou relacionada. Encontra-se na maior desordem, jogada nas prateleiras desde 1916, ano em que entrou para a Nacional.

Em 1920, Arnaldo Guinle comprou e doou à Nacional os livros da **coleção Ramos Paz**. Até hoje está ela amontoada nas prateleiras. Os livros estão amarrados em lotes, tal como vieram. O pó que se acumulou sobre os pacotes de folhetos impede que se leiam as páginas de rosto dos que ficam em cima da pilha.

Existem no 4º andar estantes cercadas por uma grade de arame com uma porta. Essa é a seção de “reservados” da Nacional. Foi formada sem critério, pois ao lado de obras efetivamente raras abrange outras de nenhum valor, tais como a edição Jackson das obras completas de Machado de Assis. Está em péssimo estado. A famosa coleção de folhetos formada por Barbosa Machado está toda bichada e a

Camoniana encontra-se em tal estado que muitos volumes não têm conserto. Muitas dessas preciosidades foram restauradas e encadernadas há cerca de quinze anos, mas ficaram de novo bichadas por falta de cuidado e só poderão ser salvas se entregues a um especialista competente. Muitas estão irremediavelmente perdidas. As outras grandes coleções, adquiridas ou doadas à Nacional, todas de inestimável valor, estão no mesmo estado.

Creio não exagerar dizendo que é preciso reencadernar 50 por cento dos livros, restaurar 20 por cento e lavar e recompor seguramente metade das obras raras.

O estado em que se encontra o armazém de periódicos não é melhor. Grande parte dos jornais e revistas estão amontoados nos corredores entre as estantes. O pó e a sujeira desse armazém é simplesmente inacreditável. As coleções truncadas não têm conta. As páginas arrancadas ou cortadas dos volumes é coisa comum.

A Nacional possui uma preciosíssima **coleção de gravuras e mapas**. Essa coleção é tão rica e preciosa que só se compara às bibliotecas européias formadas no século XVIII. No continente americano não sei de nenhum conjunto pertencente a uma única instituição que se lhe compare. Pois bem, todas essas preciosidades estão grosseiramente arrumadas em móveis de aço, sem nenhuma proteção individual e nem sequer um **passé-partout**.

Coleções raríssimas, tão raras que é preciso historiar como vieram ter ao Brasil, para justificar sua existência espantosa em nosso país, acham-se em mau estado por falta de cuidado. Não é exagero afirmar que a quase totalidade dessas coleções precisa ser restaurada ou lavada. Muitos desenhos originais de grandes mestres da Renascença estão praticamente perdidos, pois o papel em que foram feitos, devido à umidade, está todo manchado.

Na seção de Belas-Artes encontram-se alguns milhares de livros de arte. Grande parte está atacada pelos bichos. As encadernações originais acham-se perdidas, todos estão imundos de pó.

Pouca gente sabe que a Biblioteca Nacional possui uma excelente coleção de incunábulos (cerca de 150). A existência dessa coleção é tão ignorada que o **Gesamtkatalog für Viegendruck**, na relação das bibliotecas do mundo que possuem mais de 100 incunábulos, não a menciona. Como poderiam saber os peritos internacionais, que estão arrolando todos os incunábulos existentes no universo, da presença desse tesouro no Brasil se nada fizemos para revelá-lo? Entretanto, quando se iniciou a confecção do **Gesamtkatalog** a comissão encarregada de redigi-lo mandou circulares, pedindo informações sobre os incunábulos que possuíam, a todas as bibliotecas nacionais do mundo.

Os incunábulos da Nacional estão amontoados (literalmente) em armários. São raros, raríssimos os exemplares em bom estado. Alguns foram restaurados por encadernadores comuns, de uma maneira lamentável. A Nacional possui dois exemplares do famoso Psaltério de Maiença, impresso em 1457, cujo valor orça, hoje em dia, em alguns milhares de contos. Felizmente estão em bom estado. Entretanto, foram reencadernados há uns 10 anos por oficiais sem a menor noção do que seja encadernar um livro do século XV. A encadernação, num estilo que nada tem que ver com a época em que foi impressa a obra, feita numa carneira de segunda, tipo "fantasia", só serviu para desvalorizar o livro. Em todo caso, protegeu-o.

Dissemos que existem na Nacional cerca de 150 incunábulos (alguns de toda a raridade), mas há quem afirme que procurando bem, ainda seria possível encontrar mais algum. Há poucos dias um bibliotecário, a nosso pedido, "deu uma batida" em velhos montes de livros poeirentos e descobriu mais um, um dos primeiros livros impressos na Espanha. Remexendo nos montes de livros julgados imprestáveis descobri outro. Assim como descobrimos esses venerandos volumes, é certo que descobriremos muita coisa inesperada no acervo da Biblioteca.

A **seção de manuscritos** não fica atrás das demais, nem quanto à riqueza nem quanto ao abandono. Embora menos suja e menos bichada, pelo fato de estar com as peças quase todas guardadas em armários de aço, não é bom o seu estado. Grande parte dos códices estão bichados e não foram desinfetados há anos. Há tanto tempo que não se limpa um livro na Nacional que por mais que se indague nem os funcionários mais antigos se lembram da última limpeza de fato.

É comum um consulente, ao pedir uma obra, receber a resposta de que está fora de lugar. A investigação feita diz-nos que a metade está perdida dentro da própria biblioteca, devido à negligência dos encarregados dos armazéns. Afirmo e provo que o que se desviou da Nacional nestes últimos anos é assustador. Assim é que, em fins de 1943, a seção de estampas deu por falta das seguintes obras: Sisson — **Galeria dos brasileiros ilustres**; Sisson — **Assembléia legislativa**; Debret — **Voyage pittoresque au Brésil**; Wied-Newied — **Reise nach Brazilien**; Descourtilz — **Oiseaux brillants**; Descourtilz — **Ornithologie brésilienne**; Rugendas — **Voyage pittoresque au Brésil**; Ribeyrolles — **Brazil pitoresco**.

É sabido que esses livros são muito volumosos, alguns medindo mais de um metro de altura e pesando seus dez quilos. Não podiam, de maneira alguma, terem sido subtraídos por leitores, tanto mais quanto

ficou provado que se usou chave falsa para entrar na seção, em horas em que está fechada ao público. . .

Desse roubo teve-se ciência. A falta de volumes, do tamanho dos citados, colocados numa coleção à parte, como é a da seção de estampas, chamou atenção. Mas o que se desviou do acervo geral, colocado nos andares do armazém, ninguém sabe, e o que é pior, não há meios de verificação dada a falta de registro, de **shelf list** ou outra qualquer relação.

A falta que se nota de obras da brasileira na Nacional não é estranha e inexplicável. Há anos possuía ela três ou quatro exemplares de determinado livro raro. Hoje só se encontra um único, ou nenhum.

Que se roubam livros da Nacional é fato sabido. Muito exemplar raro, aparecido à venda, tem origem suspeita. Todos esses fatos lamentáveis são frutos da falta de organização e da anarquia em que se encontram os serviços da Nacional.

É esta, sem exagero, a situação do acervo. Descrevê-la com detalhes tomaria um volume. Os casos, as anedotas que se contam, são de um pitoresco tragicômico. Não insistimos mais neste capítulo. O pouco que dissemos basta para dar uma idéia do abandono em que se encontra uma das bibliotecas mais ricas do mundo, que podendo servir de padrão do orgulho para um povo, constitui, em realidade, motivo de vergonha.

Tudo isso quanto ao estado de conservação do acervo. Vejamos agora o "estado bibliográfico" desse material.

Lembro que tal acervo é calculado em um milhão de volumes, 600 mil manuscritos e cerca de 60 000 mapas e gravuras. Poucas bibliotecas do mundo podem gabar-se de possuir tantas preciosidades. Durante mais de um século foram sendo acumulados livros na Nacional, a torto e a direito, recebidos ora de doadores, ora de compra maciça de bibliotecas particulares, formadas por bibliófilos esclarecidos. Mas o lamentável é que nunca se comprou com método e plano. Nunca se procurou preencher lacunas, "por em dia" determinado assunto, enriquecer o acervo sistematicamente. As compras foram feitas sempre ao acaso, de acordo com ofertas de livreiros ignorantes, ou atendendo a preferências pessoais dos diretores.

Nunca se comprou com o fito de formar e desenvolver uma biblioteca dentro de determinado critério. Os "conjuntos" homogêneos, os "assuntos ricos" que ali se encontram, foram formados pelos particulares, que venderam ou doaram bibliotecas à Nacional.

O resultado é o que se imagina: milhares e milhares de duplicatas por um lado e, por outro, "claros" incríveis em todos os assuntos. Fal-

tam inúmeras obras essenciais numa biblioteca do porte da Nacional e, ao mesmo tempo, há enorme quantidade de livros inúteis. As coleções de periódicos são uma verdadeira lástima. Raras são as coleções completas. Nunca se procurou completá-las. Basta dizer que, em 1924, foram suspensas as assinaturas de revistas estrangeiras. Desde então nunca foram restabelecidas e não se preencheram as lacunas. Infelizmente não creio que, mesmo à custa de muito e muito dinheiro, se possa completar essas coleções. O estudioso brasileiro terá que sofrer eternamente das conseqüências desse ato impensado.

O atraso bibliográfico da Nacional é de pasmar. Não exagero calculando-o em cinqüenta anos. Em matéria de ciência são raríssimas suas obras "de biblioteca". Em matéria de **obras de referência** só possui, salvo raras exceções, o que foi publicado até 1900. A própria coleção de enciclopédias foi formada ao acaso, sem o mínimo critério. São raríssimos os repertórios de referência, indispensáveis em qualquer grande biblioteca. Muitas das coleções de referência bibliográfica estão **paradas** há decênios. E, o mais triste e inacreditável, pois existe lei de contribuição legal, a produção brasileira está de tal maneira incompleta que não é possível, e nunca o será, pô-la em dia. Milhares e milhares de obras brasileiras de valor não existem na Nacional. Não resta dúvida que as gerações futuras terão muitos motivos de queixa das administrações da Biblioteca.

Em resumo: afirmo, em conhecimento de causa, e apelo para o testemunho dos intelectuais brasileiros que trabalharam nas bibliotecas americanas, que o conjunto das instituições norte-americanas é mais rico em assuntos brasileiros do que nós. É uma verdade dolorosa mas é preciso que seja dita para podermos sair dessa triste situação, de conseqüências gravíssimas para o futuro de nossa cultura.

## **Pessoal**

Para um estudo crítico do pessoal da Biblioteca Nacional, acho conveniente dividi-lo em quatro categorias. Na primeira colocamos os velhos funcionários, muitos dos quais com mais de 30 anos de serviço, cansados, desiludidos, que comparecem ao serviço mais por hábito do que propriamente para trabalhar. Se foram úteis no passado, hoje nada fazem. A maioria não tem a capacidade técnica necessária para exercer as funções que lhe foram confiadas.

Na segunda categoria colocamos os funcionários que talvez com uma nova direção e algum estímulo poderiam ainda ser utilizáveis, embora não possuam grandes conhecimentos e estejam por demais aferrados à rotina.

Na terceira classe incluímos os elementos novos, na maioria moças, com curso de Biblioteconomia, alguns com especialização no estrangeiro. É essa gente a única capaz de produzir alguma coisa de fato. Aliás, o pouco, muito pouco, que existe de serviço tecnicamente organizado foi iniciado por esse elemento contra a opinião dos chefes. Infelizmente esses funcionários são muito pouco numerosos e por si nada podem fazer.

A última categoria é composta dos contínuos e serventes. Como na maioria das repartições públicas brasileiras essa classe é a dos párias. Miseravelmente pagos, sem energia para abandonar o serviço público e procurar outro emprego mais remunerativo, vivem de "bicos" fora da repartição, convencidos de que serviço público é assistência social. Entre eles há, no entanto, elementos de primeira ordem. Em toda biblioteca mal organizada existem sempre, entre os serventes, dois ou três que "sabem onde estão os livros" e conhecem o serviço muito melhor do que os chefes. A Nacional não faz exceção à regra. Há no seu quadro de serventes e contínuos os que merecem os maiores elogios e, sobretudo, ordenados que lhes permitam uma vida mais condizente com a condição humana.

O pessoal da Biblioteca Nacional ignora o significado das palavras responsabilidade e disciplina. Ninguém se considera responsável por coisa alguma. Inúmeros são os serviços paralisados há anos porque ninguém cuidou de sua continuação e ninguém se julgou obrigado a prosseguir-los.

Ninguém manda, ninguém obedece. A indisciplina é tal que a maioria dos funcionários vive na rua. O tipo de funcionário que assina o ponto e vai-se embora é quase a regra. Empregados designados para trabalhar no turno da noite (das 16 às 22 horas) comparecem somente durante duas horas. Outros faltam sistematicamente em certos dias da semana. O horário foi "ajeitado" de acordo com os "bicos" que os empregados têm fora da repartição.

Não há fiscalização de hora de entrada e saída. O número de falta abonadas é enorme.

Resumindo: noventa por cento do pessoal da Nacional é imprestável. A prova está no estado em que se encontra.

## **Serviços**

A organização dos serviços da Nacional é a mais antiquada possível. Certos sistemas empregados poderiam servir de modelos para se explicar "como não se deve fazer". O sistema de requisição de livros pelos leitores não oferece o menor controle. A exigência de **cartão de consulta** que o leitor é obrigado a apresentar para penetrar na

sala de leitura é feita de maneira que de nada adianta. A fiscalização é praticamente inexistente. A prova está nas centenas de volumes com páginas arrancadas, sem falar nos furtos incontáveis. A catalogação, o serviço técnico mais importante numa biblioteca, merece descrição mais prolongada.

Existem dois catálogos na Biblioteca Nacional. Um de autor, outro de assunto. Redigidos a mão, em fichas, entre 1917 e 1928, não obedecem a nenhuma regra determinada. O nome de um autor como Pereira de Vasconcelos figura ora em Pereira ora em Vasconcelos. A organização do catálogo de assuntos é a mais confusa possível. As fichas, além de pouco utilizáveis, estão em mísero estado de conservação. As que correspondem aos livros mais consultados estão com os cantos arredondados de tanto serem manejadas.

Em 1940 ou 1942, um grupo de moças, nomeadas para a Biblioteca Nacional, resolveu iniciar uma verdadeira catalogação dos livros que iam sendo adquiridos.

Lutando contra a má vontade dos funcionários antigos iniciaram um catálogo-dicionário tecnicamente perfeito. Dois anos depois, desanimadas, vencidas pelo ambiente, transferidas para serviços de menor importância, como os de fiscais de sala de leitura, abandonaram o que vinham fazendo. Dessa data em diante não se catalogou mais um livro na Biblioteca. Esse início de catálogo é dos poucos, senão o único serviço da Nacional que merece elogio.

O fato de se ter paralisado completamente a catalogação teve e terá no futuro consequências das mais graves. Acresce que grande parte do acervo nunca foi catalogada. Calculo em 300 000 volumes ou mais o que falta catalogar.

Fazer o que não se fez em tempo, por em dia o serviço de catalogação, demandará anos e anos de trabalho assíduo. É uma obra ciclópica que desanima qualquer bibliotecário. É esse, entretanto, um dos serviços que merecem maior interesse.

Outro serviço essencial é o registro das obras entradas. Durante anos e anos não existiu tombamento. Mais tarde foi iniciado um registro em livros especiais: o clássico livro de tomo preenchido a mão. Folheando esses registros verifica-se que estão tão mal feitos que muitas vezes o título da obra está erradamente lançado. Os enganos de numeração são freqüentes. O atraso é grande. Em resumo, não há o menor controle dos livros entrados na Biblioteca. O número de volumes que se perdem é considerável. A balbúrdia é tal que não é possível consertar o que foi feito ou por em dia o serviço. As grandes bibliotecas adquiridas, tais como a Ramos Paz, a Fluminense, etc., nunca foram registradas.

Não há meios de se saber se um determinado livro, entrado há pouco ou adquirido há anos, entrou de fato para a Biblioteca.

A Lei nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907, obriga todo impressor ou editor a depositar dois exemplares de cada obra na Nacional. A fiscalização só se fez nos primeiros anos; hoje, o que entra na Nacional como contribuição legal é ridículo.

Os editores só excepcionalmente mandam livros. A citada lei obriga a Biblioteca Nacional a publicar anualmente um Boletim Bibliográfico, registrando toda a produção brasileira. Esse boletim só foi publicado em 1918 e 1919. Em 1940, graças ao esforço individual de um funcionário, apareceu um volume.

Assim, um serviço da maior importância, cuja falta nos faz passar para o rol das poucas nações que não têm registro da sua produção intelectual, está praticamente paralisado.

Quanto à classificação, a Biblioteca Nacional nunca teve a menor noção da existência desse serviço. Os livros estão arrumados pelo formato. Inúmeras são as obras cujos volumes estão dispersos, em diferentes lugares. Uma departamentalização mal compreendida dispersou coleções e até partes integrantes de uma mesma obra. Certas séries ora são consideradas “periódicas” e guardadas no armazém de jornais, ora são “obras completas” e ficam no armazém geral. Uma obra composta de volumes de texto e volume de gravuras ou de atlas é dividida em duas partes: o atlas vai para a seção de estampas e o texto para o armazém geral.

Esse o panorama geral dos serviços técnicos. O dos serviços administrativos é tão antiquado, rotineiro e confuso que não o entendi até hoje. Só sei que não há registro de estoque de material e que alarmei muito o encarregado pedindo-lhe papel de carta para responder a informação pedida do estrangeiro. Não se responde à correspondência e ignora-se que haja papel aéreo.

Conta-se em, em 1909, quando a construção do prédio estava quase pronta, o diretor da Biblioteca Nacional foi convidado a visitar as obras. Depois de percorrê-la perguntou pela sala de leitura. O engenheiro, muito assustado, respondeu que não sabia que era preciso uma sala de leitura na biblioteca. . . Fez-se então um “puxado” nos fundos do prédio. . .

É claro que um edifício construído por notável engenheiro militar no estilo de fortaleza do tempo de Vauban e nas condições que dissemos não poderia, e nunca poderá ser, um prédio para biblioteca. Entretanto, graças à intervenção do Dr. Cicero Peregrino da Silva (um dos raros diretores de fato que a Nacional teve em toda sua existência secular), instalou-se no edifício um aparelhamento exce-

lente, o que de melhor havia então: transportadores de livros automáticos, canalização centralizada de aspiração de pó, estanteria de aço, aparelhamento contra incêndio, relógios de vigia, etc.

Tudo isso se foi acabando por falta de conservação e por desleixo. Só as estantes resistiram, porque eram do melhor aço americano.

Atualmente, o estado de imundície em que se encontra o prédio é inenarrável. Um intelectual americano que o percorreu, em 1939, disse-me, em New York, que só vira sujeira tão venerável nos pagodes da China.

Dois fatos demonstram em que estado se acha o prédio. Percorrendo-o, logo em seguida à minha posse, perguntei ao zelador de que era feito o piso do andar térreo. Afirmou-me que de cimento, que era inútil pretender lavá-lo, pois essa cor cinzenta era a natural. Mandei esfregar e lavar um canto. Examinei-o bem. Pareceu-me de mármore. Contra a minha opinião levantaram-se funcionários antigos, afirmando-me que era e sempre fora assim, que seria inútil a limpeza. Tempos depois, quando raspado, polido e limpo, ficou provado que era de lindo mármore branco com veios verdes.

O segundo fato não é menos espantoso. Em 1939 pintou-se toda a fachada do prédio. Em 1944 os vidros das janelas ainda traziam as manchas de cal deixadas pelos pintores. Prova de que há cinco anos não se lavavam vidros na Biblioteca.

Creio que não é preciso dizer mais para se ter uma idéia do que era a imundície do prédio. O cheiro que as privadas exalavam pelos corredores era uma das "características da nossa biblioteca", disse-me um leitor.

A administração alegava que não limpava porque "não tinha gente". Entretanto, no quadro figuravam 41 contínuos e serventes...

Mas não é só a imundície do prédio o que impressiona tão mal. O estado de conservação é simplesmente assustador. Chove por toda parte. Os funcionários e freqüentadores estão tão acostumados às goteiras que, nos dias de chuva, ninguém se espanta de ver baldes e bacias colocadas em plena sala de leitura. Nos depósitos de livros, muitas estantes recebem chuva periodicamente. Os livros molham-se, é claro. Mas o que não me parece claro é que ninguém tenha tomado a providência elementar de remover os livros dessas estantes fatídicas enquanto se providencia sobre o conserto do telhado.

As instalações elétricas estão em tal estado que reputo um verdadeiro milagre o prédio não se ter incendiado em conseqüência de algum curto-circuito.

A falta d'água é constante. Diariamente, às 2 horas da tarde, não há uma gota.

Quanto à estrutura, à planta, ao “funcionamento” do prédio, não poderiam ser mais inadequados. Poderão servir para ilustrar como se pôde misturar arquitetura militar do século XVIII francês com estilo **art nouveau** e greco-romano, mas nunca para nele se instalar uma biblioteca.

É esse, **grosso modo**, o estado a que chegou a Biblioteca Nacional. Não adianta insistir. O pouco que aqui se disse (e haverá muito mais, é sabido de todos) serve para demonstrar que não é possível continuarmos nessa situação. Um povo incapaz de zelar pelo seu patrimônio cultural não pode aspirar a tomar assento entre as nações cultas. Não adianta construirmos escolas, universidades, institutos, se não tivermos bibliotecas.

A Nacional não deve ser uma biblioteca de leitura, mas uma biblioteca de referência e uma biblioteca museu. É necessário restaurá-la, enriquecê-la dentro da linha de uma biblioteca nacional e, concomitantemente, organizar uma segunda linha de bibliotecas de leitura e de bibliotecas universitárias, científicas, etc. Mas o problema urgente é modificar a situação atual. Não se trata de começar, de fundar nova biblioteca, mas de salvar um patrimônio riquíssimo que se está perdendo. O caso da biblioteca é um caso de salvação pública. O que ali se passa é um escândalo. Infelizmente esse escândalo já não é mais nacional, porém internacional. Senão vejamos: as relações culturais entre os diferentes países são hoje mais estreitas do que há alguns anos, junto às embaixadas existem adidos culturais mandando relatórios para seus governos e informando sobre os centros de cultura, suas possibilidades para pesquisa, etc. Nos congressos internacionais de especialistas surgem sempre amplos relatórios informando sobre as riquezas das bibliotecas, os arquivos, etc.

Em 1939 fui convidado a assistir, com Gilberto Freyre, ao congresso do Committee on Latin American Studies, em Ann Arbor, Michigan, Estados Unidos. Numa das sessões plenárias a que compareceram uns cem especialistas de diversos países, depois de ouvirmos uma porção de relatório sobre os “fundos” dos arquivos e bibliotecas latino-americanas para o estudo da história e geografia, levantou-se um dos mais conhecidos historiadores americanos e disse que aproveitava a presença de dois brasileiros para perguntar por que nosso governo deixava apodrecer uma das mais ricas bibliotecas da América. Que os brasileiros precisavam se capacitar de que esse patrimônio, dado o seu valor, não pertencia somente ao Brasil, mas a toda a humanidade, e que se o abandono provinha da falta de dinheiro, o Committee se encarregaria de arranjar a verba necessária para por toda essa riqueza ao alcance dos estudiosos.

Defendemos a Biblioteca Nacional, Gilberto Freyre e eu, como pudemos, mas da discussão resultante ouvimos fatos dos mais lamentáveis sobre o estado da Biblioteca.

Tudo isso, senhor Ministro, prova que não exagero dizendo que o que se passa na Biblioteca Nacional é, em realidade, um escândalo internacional.

Tudo isso me leva, como bibliotecário e como brasileiro, a clamar perante V. Ex<sup>a</sup> por medidas radicais e imediatas que façam cessar essa situação vexatória, enquanto é tempo.

V. Ex<sup>a</sup>, que ainda agora acaba de demonstrar seu interesse na resolução do problema, com a assinatura do último decreto de reforma, tomará, estou certo, essas medidas.

De todo este relatório, nu e cru, ressalta uma verdade sem contestação possível: é preciso fazer tudo de novo e com urgência. Cada dia que passa a situação se agrava. Os bichos que comem os livros andam mais depressa do que a burocracia.

Num primeiro estudo, mais crítico do que construtivo, como me pareceu que devia ser este, não julguei útil redigir um plano detalhado de reforma da Nacional. Não pretendo, pois, apresentar um "regulamento", desses regulamentos com capítulos, artigos, parágrafos e letras, obras-primas burocráticas, que ficam quase sempre "no papel".

O plano que tomo a liberdade de sugerir a V. Ex<sup>a</sup> divide-se em três pontos principais: 1) mudança radical do pessoal existente; 2) construção de um novo prédio; 3) restauração em grande escala do acervo.

Para realizá-lo, o método mais simples seria o seguinte: fecharmos ao público a biblioteca. Iniciar imediatamente o estudo das plantas do edifício novo (o que demandaria cerca de ano e meio). Em seguida, construir o edifício. A construção não levaria, baseada em planos cuidadosamente elaborados, mais de dois anos. As novas instalações ficariam prontas, portanto, dentro de três anos e meio, ao mais tardar quatro anos. Abrir-se-ia, então, ao público uma verdadeira biblioteca, digna de ser a Nacional do Brasil.

Para realizar as três partes que proponho é necessário que o governo tome as providências necessárias, a fim de poder: 1) aposentar todos os funcionários com mais de 30 anos de serviço; 2) transferir para repartições públicas todo o pessoal inadaptável; 3) contratar pessoal novo e habilitado inclusive técnicos estrangeiros; 4) colocar todas as verbas do orçamento à disposição do diretor e autorizá-lo a movimentá-las sem empecilhos burocráticos; 5) responsabilizar

financeiramente o diretor pela aplicação das verbas por meio de tomadas de contas mensais e rigorosas; 6) nomear anualmente uma comissão de técnicos para inspecionar os serviços; 7) nomear dois arquitetos capazes para, com assistência do diretor, executarem o projeto de um edifício novo.

Bem sei que qualquer técnico que ler os pontos que acabo de enunciar os julgará impraticáveis dentro da "legislação em vigor". Embora convencido da necessidade de tais medidas não quererá assumir a responsabilidade de romper com as praxes burocráticas e dar autonomia a um serviço que, de maneira nenhuma, pode funcionar nos moldes das repartições públicas.

Quem estuda a história da administração da Biblioteca Nacional verifica que, em cento e trinta e cinco anos de existência, a grande falha de sua organização foi sempre a falta de autonomia, ou melhor, de métodos de administração peculiares ao tipo de serviço que deve prestar. Todos os seus diretores são unânimes em se queixar desse mal congênito, desde frei Camilo, de gloriosa memória, até Manuel Cícero, que há trinta e três anos atrás escrevia: "biblioteca e serviço oficial são cousas difíceis de conciliar".

Tinha razão o ilustre diretor. As bibliotecas públicas não podem ser repartições. Na Europa, onde elas o são, estão em decadência visível. Nos Estados Unidos, onde não o são, acham-se em progresso constante. Devemos aproveitar essa lição decorrente da observação dos fatos.

Há mais de um século que os diretores da Biblioteca Nacional pedem autonomia. A negação dessa medida, por falta de vontade de querer ver com clareza os dados do problema, trouxe como resultado o que aí está: um montão de ruínas.

Entretanto a legislação brasileira já compreendeu que existem serviços que não podem funcionar nos moldes normais das repartições públicas comuns e estabeleceu para tais casos os sistemas de autarquias e fundações.

Dar à Biblioteca Nacional um estatuto semelhante é a verdadeira solução, sobretudo neste momento em que o seu estado parece com o de um doente com um membro gangrenado. Um tratamento homeopático de nada adiantará. O que é preciso é cirurgia.

V. Ex<sup>a</sup> conhece o problema e sempre demonstrou o mais vivo interesse em resolvê-lo. Espero, assim, que as medidas que a Biblioteca necessita, a fim de cumprir a missão para a qual foi fundada em 1808, serão levadas em consideração por V. Ex<sup>a</sup> — a) **Rubens Borba de Moraes.**